

“FERRAVA, MARRAVA NUNHA CORDA E COLOCAVA O FERRO NO FOGO [...]”: MASCULINIDADE E O DEVIR VAQUEIRO

Artur Vitor de Araújo Santana¹
Lucas Gomes de Medeiros²
Natanael Duarte de Azevedo³

RESUMO

O texto que segue tem como objetivo discutir o exercício da masculinidade na prática dos vaqueiros (homens que, comumente, trabalham diretamente com a labuta do campo e do manejo dos mais variados animais, como bovinos, equinos, muares, caprinos, entre outros). A princípio, o texto se debruça numa breve abordagem sobre os usos da história oral como metodologia eleita para construção dos escritos. Em um segundo momento, perscrutamos a memória do senhor Everacy Amaro de Araújo, vaqueiro de 67 anos (quando realizou a entrevista), que mediante os usos da memória e do exercício de rememoração elucida em que consistem as práticas e representações vaqueiras.

Palavras-chave: Vaqueiro, Masculinidades, História Oral.

INTRODUÇÃO: PENETRANDO MASCULINIDADES

A partir da concepção de que homem e mulher são construções culturais e historicamente datadas, surge o questionamento: por que os homens dominam o espaço público e são lidos como superiores em comparação as mulheres se ambas as identidades são práticas socioculturais? Diante da inquietação, surgiram trabalhos como o de Bandinter (1993), Connell (1995; 2013), Matos (2001), Bourdier (2002), Miskolci (2012), Albuquerque Júnior (2013) e Bento (2015), que se debruçam sobre a temática do emergente campo dos estudos da masculinidade, que se preocupam em desnaturalizar o lugar social atribuído ao homem, abordando a formação das masculinidades em uma perspectiva social, cultural, política e histórica, desde abordagens estruturalistas (com leituras construtivistas) até abordagens pós-estruturalistas (que rompem com a leitura biológica dos corpos e sua relação com a produção dos gêneros).

Os homens que eram vistos até então como identidades “hegemônicas” e imutáveis, o que lhes garantiam um poder/domínio natural (BOURDIEU, 2002), passam a ser desmontados, estudados minuciosamente, chegando os estudiosos a conclusão que seria

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, artur.vitor.santana@hotmail.com;

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, lucas.gomes.medeiros.historia@gmail.com;

³ Professor Adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e da Pós-Graduação em História da UFRPE; Doutor em Letras (UFPB), natanael.duarte.ufpb@hotmail.com;

impossível pensar a masculinidade no singular, diante de tantas possibilidades do ser homem, principalmente a partir da chamada “crise” que afeta o modelo tomado como único de masculino, que desencadeia uma gama enorme de características que passam a ser atribuídas e estudadas, o nem tanto viril, o emotivo, o subjetivo, o viril ou árido, o que é lido como dominante, enfim, um grande leque se abriu com o desenvolvimento do campo de estudos, atribuindo novos olhares para as relações de gênero.

Dentre os trabalhos analisados nesse artigo, foi possível perceber que as pesquisas de maior fôlego que tematizam a masculinidade no Brasil, surgem na década de 1990 e nos primeiros anos do 2000, período em que livros como “XY: sobre a identidade masculina” (1993) e “A dominação masculina” (2002) são traduzidos para o português, assim como a publicação de artigos de Raewyn Connell (1995; 2013), que ficou conhecida pela sua obra “Masculinities”, escrita em francês, publicada inicialmente em 1993 e até os dias de hoje não foi traduzido completamente.

A nossa proposta inicialmente é transitar pelos escritos dos autores já mencionados, analisando como o masculino é pensado, colocado enquanto objeto, as problematizações levantadas diante dos sujeitos, o campo de saber que cada trabalho está inserido, assim como a abordagem teórica que cada intelectual se apropria para lidar com sua pesquisa. Após trilhar o percurso mencionado, observamos as diferenças entre os livros, quais as mudanças entre as obras, já que compreendemos as produções escriturárias como artefatos sócio-culturais frutos do seu tempo.

A primeira autora visitada foi à filósofa e historiadora Elizabeth Badinter (1993), que em diálogo com a psicanálise problematiza o determinismo biológico dos gêneros em detrimento de uma perspectiva construtivista, a qual defende no decorrer do livro. Segundo a autora, “agimos como se a feminilidade fosse natural, portanto inelutável, enquanto a masculinidade tem que ser conquistada, e a alto preço”(BADINTER, 1993, p. 4). O homem, para Badinter (1993), passa a vida toda provando ser viril e merecer o *éthos* de masculino.

A virilidade não é dada de saída; Deve ser construída, digamos ‘fabricada’. O homem é, portanto, uma espécie de artefato e, como tal, corre sempre o risco de apresentar defeito. Defeito de fabricação, falha na maquinaria viril, enfim, um homem frustrado; A garantia do empreendimento é tão baixa que o sucesso merece ser exaltado. (BADINTER, 1993, p. 4).

Refletindo sobre a dificuldade dos homens em lidar com sua subjetividade, com as exigências de ser continuamente viril e do desgaste emocional da frustração de não atingir seus objetivos, Berenice Bento (2015) entrevistou alguns homens e percebeu a dificuldade dos sujeitos no processo da construção de suas identidades, se opondo a tudo que os

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br

feminilizassem, o que desencadeavam relações ruins com suas companheiras e filhos, diante das exigências que eram colocadas sobre seus ombros e a cultura de não poder se conversar sobre seus problemas e demonstrar fragilidade (BENTO, 2015).

Retornando a Badinter (1993), afirma a autora que a masculinidade é “relativa e reativa” (BADINTER, 1993, p. 11) principalmente em relação com o feminino, isto é, quando se altera a concepção de feminilidade consecutivamente se repensa o ser homem, o que ocasiona crises no modelo viril. Para a filósofa, houve duas grandes crises da masculinidade. A primeira delas surgiu entre os séculos XVII e XVIII, após as mulheres francesas e inglesas questionarem os “papéis sexuais” comumente atribuídos ao homem e a mulher, principalmente com questões relativas ao espaço privado (casamento, sexualidade, filhos, etc.).

A segunda crise teria se acentuado nos séculos XIX e XX, que tem novamente a mulher como protagonista, mas que agora problematizam a negação de sua participação no espaço público, assim como os lugares que naturalmente lhe são atribuídos, como a essência materna, o que gerou uma afronta ao modelo de masculino, já que a naturalidade viril do homem é questionada. O domínio masculino se daria, segundo Badinter, principalmente na linguagem, que excluiria as mulheres do campo linguístico, assim como da categoria de homem/humano, já que o masculino é lido como referência de sujeito e de corpo, tendo a mulher que se adequar ao modelo que lhe é imposto.

Fortalecidos pelos trabalhos da antropologia social e cultural, por todas as novas pesquisas históricas e sociológicas sobre a masculinidade (e a feminilidade), concluem que não existe um modelo masculino universal, válidos para todos os tempos e lugares. A seu ver, a masculinidade não é uma essência, mas uma ideologia que tende a justificar a dominação masculina. Suas formas mudam (BADINTER, 1993, p. 27).

Para justificar a afirmação acima, Badinter (1993) analisa alguns ritos de passagem para o homem em grupos étnicos específicos, como os Sambia e Baruya, que afirmam ser necessário romper com o feminino, personificado em sua mãe que gerou e amamentou os meninos, para os transformarem em homens viris, percebendo como a masculinidade possui valores específicos de uma sociedade para outra.

Mas entre os grupos sociais estudados, Elisabeth Badinter observou que a masculinidade é definida relacionalmente com a feminilidade (BADINTER, 1993) e através da “pedagogia homossexual” (BADINTER, 1993, p. 69), que diferente da leitura que comumente possuímos na sociedade ocidental do gay como uma desvirilização e feminilização do masculino (e por isso depreciativo), para as sociedades analisadas foram percebidas a homossexualidade como “uma prática transitória, mas necessária para ascender à

(83) 3322.3222

masculinidade heterossexual” (BADINTER, 1993, p. 85), só através do contato de um homem com outro homem (até mesmo sexualmente, mas com normalizações para o ato) é que o garoto poderia se desvencilhar das características femininas que adquiriu na infância durante o contínuo contato com sua mãe e construir a virilidade no corpo do jovem macho.

Possuindo outra leitura das relações entre os gêneros que destoa da apresentada por Badinter (1993), afirma Connell (1995) que a masculinidade não se constrói apenas relacionalmente com a feminilidade, mas em oposição a ela. Flertando com a Sociologia, que é seu campo de formação, Raewyn Connell (1995) escreve sobre a emergência dos novos modelos de masculinidade que surgem na década de 1970, em oposição à “masculinidade hegemônica” (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013), conceito defendido pela autora. Com escritos que cruzam um vasto domínio teórico com suas experiências de militância⁴, Connell (1995) faz um percurso que analisa as reivindicações das pautas do movimento dos homens, realizando uma crítica ao conceito “papel do sexo masculino” (CONNELL, 1995, p. 187), assim como refletindo sobre as novas políticas masculinas que se instituem em paralelo com o movimento feminista.

Para a autora, só é possível se estudar o gênero se colocar em jogo as relações de poder que estão presentes na dualidade masculino e feminino, criticando a forma como o pós-estruturalismo discute as identidades sexuais e o conceito de “papel do sexo masculino”, que segundo Connell (1995) “trata-se de um conceito que não nos permite ver as complexidades no interior da masculinidade e as múltiplas formas de masculinidade” (CONNELL, 1995, p. 188), assim como não “permite compreender questões relacionadas ao poder, à violência ou à desigualdade material” (Ibidem), apesar de pontuar ser um termo ainda muito comum e utilizado no campo de estudo da masculinidade.

Escrever sobre masculinidade, na ótica da socióloga, é refletir sobre as relações sociais, sobre tudo aos corpos, pois os tipos de homens são corporificados, insinuando Connell (1995) à impossibilidade de pensar os masculinos longe do lugar de sujeitos, tecendo outra crítica ao pós-estruturalismo, que é colocado em um lugar do campo do imaginário sem aplicabilidade prática, o que não é compactuado por nós, apesar de observarmos ser uma leitura datada do período dos escritos da autora, que dialoga muito com Bourdieu (2002).

Um dos grandes *insights* de Raewyn Connell (1995) é pensar a masculinidade como uma política, que “está aberto à mudança histórica” (CONNELL, 1995, p. 189), o que permite ser alterado, re-pensado e re-moldado. A hegemonia seria o principal campo de batalha das

⁴Ainda enquanto performava uma identidade de homem cis (Robert), já que hoje se reconhece enquanto uma mulher trans (Raewyn), podendo encontrar artigos de sua autoria assinados das duas formas.

políticas do masculino por dois motivos: o primeiro é a busca entre os homens para descobrir qual modelo de masculino seria o dominante e posteriormente a contínua contestação do modelo hegemônico, que sofre críticas e rasuras no decorrer do tempo (CONNEL, 1995).

Entre as políticas da masculinidade estudadas por Connel (1995), quatro modelos se destacam por dialogarem com grupos específicos como o Movimento de Libertação dos Homens, na década de 1980, Liberação Gay, Movimento anti-sexista e homens com posicionamento político de direita (mesmo que não constituam um grupo em si). Essas políticas são: 1) “Terapia da masculinidade” (CONNEL, 1995, p. 194); 2) “O lobby das armas” (Idem, cit. op. p. 195); 3) “A liberação gay” (Ibidem) e 4) “Política de saída ou Política transformativa” (Idem, cit. op. p. 196). Não iremos aprofundar as características de cada um desses tipos, porque o que nos interessa é a forma como a autora compreende o campo de estudos das masculinidades de forma geral.

Seguindo a lógica do pensamento de R. Connell (1995):

Todas as formas de política da masculinidade envolvem uma relação com o feminismo. Quer essa seja uma relação de rejeição, ou de coexistência cautelosa ou ainda de apoio caloroso, esse é o centro emocional dos debates atuais. Nos tempos da Liberação dos Homens, o pressuposto era de que o feminismo era bom para os homens, porque os homens também sofriam com papéis sexuais rígidos. O rompimento de seu papel sexual por parte das mulheres permitiria que os homens também rompessem o seu, tendo, assim, como resultado, vidas mais plenas, melhores e mais saudáveis. (CONNEL, 1995, p. 196)

A relação mutualista entre as políticas de masculinidade e o feminismo, demonstra a complexidade do campo de estudos de Gênero, que para Connell (1995) está imerso em três esferas “as relações de poder, as relações de produção e as relações de catexia” (CONNEL, 1995, p. 200), que devem ser levadas em consideração ao se pensar em políticas que vissem a igualdade e justiça entre os gêneros, assim como o fim da violência contra as mulheres e homossexuais, tendo o respeito como principal pauta, diferente dos estudos Queer.

Assim como Connell (1995), a forma como Bourdieu (2002) compreende a masculinidade não rompe com uma leitura biológica, mesmo afirmando que os órgãos sexuais são perpassados por uma construção social, como o próprio corpo, as características atribuídas ao masculino e feminino são ainda pensadas através do sexo biológico. Apesar disso, os gêneros são lidos por uma perspectiva construtivista, “à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurecimento de certas semelhanças” (BOURDIEU, 2002, p. 27). Nessa perspectiva, os corpos são perpassado

por “princípios de visão e de divisão sexualizantes” (BOURDIEU, 2002, p. 22) do mundo social.

A partir da naturalização da divisão dos sexos, a dominação simbólica masculina se instituiria no mundo da subjetividade e da objetividade, já que a sexualidade dos corpos estaria demarcada através das atividades sociais, tornando a “violência simbólica” um crime perfeito, já que não utiliza (necessariamente) da força física para a manutenção da dominação do masculino pelo feminino. O “poder simbólico” presente nas relações de gênero, se institui com a “colaboração dos que lhe são subordinados e que só se subordinam a ele porque o constroem como poder” (BOURDIEU, 2002, p. 41). As relações de dominação se dariam de forma inconsciente, que estaria “inscrito duradouramente no corpo dos dominados sob forma de esquemas de percepção e de disposições (a admirar, respeitar, amar, etc.)” (Ibidem), que manteria a dominação masculina.

Na reflexão da dominação masculina sobre o feminino, foi necessário recorrer às teorias feministas do patriarcado, assim como o feminismo negro de Maxine Baca Zinn, Angela Davis e bell hooks. O termo traz a tona questões de classe, gênero e raça, que se torna “terreno para o questionamento de quaisquer reivindicações universalizantes sobre a categoria de homem” (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013, p. 243). Apesar da supremacia masculina na organização social, as masculinidades estão sujeitas a mudanças e são plurais, o que se torna um desafio ao conceito, já que a palavra hegemonia possui uma conotação de algo único, ou dominante, e imutável, sendo uma das principais críticas ao termo defendido pelos autores, já que deixa de lado a existência de modelos diferentes.

Como argumenta Connell e Messerschmidt (2013), “a masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos” (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013, p. 250), que só podem ser pensadas na prática e consecutivamente na ação social, em relação com os corpos femininos, levando em consideração as peculiaridades do “cenário social” (Ibidem) e o tempo histórico.

Outra crítica ao conceito de masculinidade hegemônica é a “concepção heteronormativa” (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013, p. 250), que pauta a diferença entre o sexo biológico macho-fêmea como características essencializadoras para se construir a leitura sociocultural do gênero. Collier defende que o termo é universalista, deixando o caráter de sujeito do homem de lado, o que marginaliza a concepção própria de corpo, que para os estruturalistas não atingiria o real da estrutura social.

Os autores com uma leitura funcionalista dos estudos de gênero em diálogo com Bourdieu (2002), afirmam que,

A dominação dos homens e a subordinação das mulheres constituem um processo histórico, não um sistema autorreprodutor. A “dominação masculina” é aberta à contestação e requer um esforço considerável na sua manutenção. Apesar de se ter dado destaque a esse ponto em declarações iniciais sobre o conceito de masculinidade hegemônica, essa não é apenas uma ideia teórica. (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013, p. 260)

O debate apresentado entre os estruturalistas se o melhor conceito a ser trabalhada a masculinidade seria o de “hegemonia” ou o de “dominação”, repercutiu em diversas pesquisas que fazem outras aplicabilidades e vão além, adentrando os discursos médicos e pensando outras possibilidades de masculino, como Maria Izilda Matos (2001). Questionando o modelo ideal de homem para a nação, a pesquisadora imersa no campo sociológico, analisa as campanhas publicitárias e os discursos médicos que propõe como um homem não deve ser para atender os anseios do país.

O aumento das propagandas que criticam o consumo de bebida, o que gera o temor da destituição das famílias, surge em um período em que a industrialização permitiu tanto os homens como as mulheres (e crianças) se inserirem no mercado de trabalho, ocasionando novas formas de comportamento dos gêneros, havendo a necessidade do Estado e da Igreja, através da atuação médica, normalizar os corpos no espaço público e manter a “decência” da nação (MATOS, 2001).

Paramentados com um discurso normalizador, os médicos apresentam “a sociedade como caótica, com a necessidade de ser regrada” (MATOS, 2001, p. 26), estabelecendo um tipo ideal de sociedade e a desordem real que se estabeleceu, que necessita da intervenção médica, que assume os papéis como higienistas e sanitaristas (MATOS, 2001), criando campanhas contra os “fatores da decadência do ‘povo brasileiro’” (MATOS, 2001, p. 57), que seria o alcoolismo, a loucura e a criminalidade, que estariam intimamente interligados as doenças degenerativas como “o alcoolismo, a tuberculose e a sífilis” (Ibidem).

Como forma de combate ao alcoolismo, os médicos atuaram em diversos espaços, desde o campo legislativo, discutindo leis e multas para as pessoas que se embriagassem e se excedessem, já que na leitura da época a tríade “álcool/violência/crime”(MATOS, 2001, p. 27) estavam interligados e que os alcoolizados tinham uma maior possibilidade de criarem problemas nas ruas. Assim como os médicos passaram a ocupar os espaços específicos da “saúde”, como hospitais e manicômios, que seriam instrumentos de normalização dos corpos e cura dos vícios.

O alcoolismo passou a ser reconhecido como patologia social, centro de preocupações sócio-higiênicas. Como o alcoolismo era considerado uma anormalidade, periculosidade social, degeneração nacional e também uma endemia, propunha-se o combate por meio de uma terapia preventiva: as campanhas. Assim, a preocupação médica não se restringia à cura, mas se entendia à profilaxia. Nesse sentido, vislumbravam-se dois sistemas, o direto (proibição, como a Lei seca) e o indireto (taxação, persuasão, educação, propaganda esclarecedora). (MATOS, 2001, p. 29).

Além da ameaça a ordem que os embriagados causavam, eles colocavam em risco o modelo de masculinidade, que era baseado no trabalho e na paternidade. A própria disciplina e o trabalho “eram vistos como elementos reintegradores dos ébrios na sociedade” (MATOS, 2001, p. 34). As campanhas publicitárias em combate ao alcoolismo tinham o corpo masculino como foco, divulgando as doenças ocasionadas pelo consumo excessivo de bebida alcoólica, impossibilitando o trabalho e aumentando as chances de acidentes no local onde exerce seu ofício.

As mulheres não ficavam de fora das propagandas estatais contra o alcoolismo, mas seu maior problema seria o comprometimento do útero e da amamentação, que causaria dependência alcoólica as crianças desde cedo, já que desde a tenra infância já teria o contato com o álcool através do leite materno, nos apresentando as “funções” atribuídas essencialmente ao gênero masculino e feminino, o trabalho e a gestação dos novos trabalhadores (MATOS, 2001).

Dessa forma, os corpos ociosos que ocupavam os botequins e o espaço público, colocavam a família em perigo, e como era identificada como “célula da sociedade” (MATOS, 2001, p. 41), não poderia ser degenerada ou seria um risco a própria nação, que naturalizava os “papéis” de gênero, atribuindo a mulher a maternidade, consecutivamente a necessidade de permanecer no espaço privado, e ao homem “a função de pai-provedor” (Ibidem).

Não seguir o modelo de família proposto, segundo o discurso médico eugênico apresentado por Matos (2001), contribuiria para a degeneração social dos indivíduos, por isso a necessidade da manutenção da mulher-mãe no lar, cuidando dos filhos e da higiene domiciliar e do homem-pai-trabalhador, que sustentaria sua família e eliminaria o que poderia ser lido como “duvidoso, impreciso e disforme” (MATOS, 2001, p. 42), do modelo ideal de masculinidade.

O pai honroso garantiria o bom funcionamento do espaço familiar, através de seu “modelo de autoridade e de poder a ser desenhado pelos homens” (MATOS, 2001, p. 44), caso contrário, um pai degenerado, perdia a “noção de honra e de conduta pública, do afeto

pela família e amigos, das obrigações para a sociedade” (MATOS, 2001, p. 61), alterando sua forma de pensar, agindo com impulso e “degenerando a raça” (Ibidem) e a prole.

As principais contribuições do trabalho de Matos (2001) é demonstrar como o Estado e a Igreja, através de seus mecanismos, atuam na formação dos homens quando esses não desempenham as “funções” sociais que são inerentes ao gênero, realizando uma leitura naturalizante do sexo biológico com os “papéis” sexuais masculino, que diferente dos trabalhos de Connell (1995) e Bourdier (2002) não pensa a possibilidade do homem plural, nem como masculinidade subordinadas (CONNELL, 1995), nem como identidades forjadas em relação com o feminino (BADINTER, 1993), lendo o masculino ligado a estrutura social principalmente pela ótica do trabalho.

UMA HISTÓRIA FALADA: PENSANDO A FONTE ORAL

No Brasil, apesar da prática de gravar testemunhos ter sido introduzida por volta da década de 1970, a História Oral ganha força apenas na década de 1990, segundo Amado e Ferreira , a justificativa para o avanço da abordagem historiográfica seria resultado inicialmente da Associação Brasileira de História Oral, fundada em 1994, assim como a ampliação no número de seminários, encontros, linhas de pesquisas, grupos de pesquisas, entre outros, que tinham a preocupação de discutir a importância da dimensão histórica em análise.

A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais, etc.), à história do cotidiano e da vida privada (numa ótica que é o oposto da tradição francesa da história da vida cotidiana), à história local e enraizada. Em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma “história vista de baixo”, atenta às maneiras de ver e de sentir, e que às estruturas “objetivas” e às determinações coletivas prefere as visões subjetivas e os percursos individuais, numa perspectiva decididamente “micro-histórica”(FRANÇOIS, 2006, p. 4)

Essas novas abordagens e métodos tornam a História Oral fundamental para acessar os sujeitos do presente, ouvindo indivíduos que dificilmente deixariam documentos sobre si. No Brasil, um país em que “o analfabetismo foi uma arma usada para a dominação” , torna a prática de ouvir determinados sujeitos em um ato político, transgredindo uma História

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br

www.desfazendogenero.com.br

tradicional, já que rompe com a supremacia das fontes oficiais, dando voz para os silenciados historicamente.

A história oral é vista com algum preconceito por lidar com “depoimentos e tradições, relatos e histórias de vida, narrações, recordações, memória e esquecimentos, etc., todos estes rotulados como elementos subjetivos de difícil manejo científico” (LOZANO, 2006, p.18). Lidar com esse tipo de fonte torna necessário um diálogo com outros campos do saber, como sociologia, antropologia, psicologia, entre outros. Apenas através dos métodos desenvolvidos por essas disciplinas, possibilita um viés acadêmico, já que se constitui enquanto uma dimensão histórica, possuindo uma metodologia própria.

As incertezas do historiador ao lidar com as memórias são definidas por Voldman (2006, p. 37), como “navegar na crista de uma onda sempre a arrebentar, seja na beira de uma memória reconstituída por diversos motivos”. Dialogar com outros campos do saber, a exemplo, da sociologia, psicologia, psicossociologia e psicanálise, auxilia o pesquisador a saber lidar com as peculiaridades dos sujeitos compreendendo que “hesitação, o silêncio, a repetição desnecessária, o lapso, a divagação, e a associação são elementos integrantes e até estruturantes do diverso e do relato” (VOLDMAN, 2006, p. 38). A função do historiador não é buscar uma verdade na fala dos entrevistados, mas entender o posicionamento do indivíduo com o objeto de análise/problemática da pesquisa. Pela necessidade de significar o não-dito, torna tão complexo o exercício de transcrever as entrevistas e relatos, pois devemos atribuir sentidos aos silêncios, repetições, vibrações, com um caráter de importância equiparado com as palavras faladas.

Se atualmente é lugar comum a noção de que a fonte histórica não fala por si só (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007) esse entendimento deve servir tanto para os textos escritos, que permaneceram intocados por muito tempo, quando para os que foram produzidos no contato com depoentes vivos. O que não se pode perder de vista é o lado fantasioso da memória, cabendo ao historiador que dela se utiliza compreender que a fantasia não é uma dimensão antagônica da realidade, mas parte dela. Quem narra na condição de depoente constrói narrativas que se utilizam da memória e devem ter liberdade para acrescentar os elementos que julgar necessário a essa narrativa; cabendo ao investigador compreender os porquês desses recursos terem sido acionados e quais as melhores formas de lidar com eles. Se faz necessário pontuar que:

A memória mobiliza a afetividade, o inconsciente, o involuntário, e o metafórico reconhecimento da “ambígua trajetória” da existência humana, na qual lembrar e esquecer são faces da mesma moeda. E, sendo assim, imaginação e memória são indelimitáveis, por se

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br

manifestarem interpenetradas, ao promoverem a recordação e, concomitantemente, o esquecimento, sem o qual não se expressam as “imagens-lembranças” (SOARES, p. 168, 2008).

VAQUEJANDO AS BIBLIOGRAFIAS

A fonte utilizada para análise, é fruto de uma entrevista ao Sr. Everacy Amaro de Araújo, aposentado como trabalhador rural, ex-vaqueiro, pardo (segundo a certidão de nascimento do entrevistado), natural do município de Valente, localizado na “Região do Sisal”, na Bahia. Nascido no dia 11 de setembro de 1948, possuía 67 anos de idade quando ocorreu nossa prosa, datada em 13 de fevereiro de 2016, na casa do depoente, no povoado de Sítio Novo, pertencente ao município de São Domingos, que também faz parte do referido lugar onde mora acerca de quarenta anos.

A entrevista foi realizada em uma tarde de sábado, regada por cafés e suaves brisas, características de um comum anoitecer no sertão, que viam direto do quintal, nos encontrando na cozinha da casa. Fazia calor. O documento gravado possui 35 min 41 seg (trinta e cinco minutos e quarenta e um segundos), apesar da conversa informal ter prosseguido por muito mais tempo. A transcrição da entrevista foi concluída no dia vinte e quatro de fevereiro do ano corrente, tendo início no dia quatorze do mesmo mês e ano, durando o processo de transformar em signos as palavras ditas, cerca de dez dias.

Na entrevista, o depoente conta um pouco sobre sua trajetória de vida, trazendo informações desde sua juventude até a vida adulta, assim como histórias que lhe foram transmitidas através da oralidade, principalmente por outros vaqueiros, que exaltavam suas façanhas. Dessa forma, transitando por diversas temporalidades. Percebe-se um orgulho por parte do entrevistado, ao falar do ofício que exerceu por mais de duas décadas, como pode ser observado na seguinte frase: “era a profissão maior que tinha no meu tempo... antigamente” (Entrevista concedida em 13 de fevereiro de 2016). Ao utilizar o termo “maior”, duas leituras são possíveis: a primeira delas é relativa à quantidade de profissionais, já que em outros momentos (principalmente no início da entrevista), o entrevistado afirma que a profissão vaqueira era bastante comum em períodos distantes, pelo fato de existirem poucas possibilidades de empregos na região, e que teria se acentuado com a implantação das cercas. Outra interpretação é como característica adjetiva, quando “maior” representa uma característica atribuída ao ofício do vaqueiro, demonstrando um status social privilegiado na sociedade sertaneja, que não está ligado a uma questão financeira (apesar de citar nomes

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br

como Otacílio, Nobilino e Pedro Emídio, que conseguiram ascender economicamente, para os padrões da época), mas de admiração. Uma forma de enaltecer o labor que desenvolveu boa parte de sua vida.

Ouvindo algumas partes da entrevista, a senhora Dalva Almeida, esposa do entrevistado, realizou três interferências na prosa, uma delas chamando a atenção do seu marido para a veracidade de sua fala: “Ô Everacy, isso num é uma intrevista, é uma história qui tu tá contando!” (Entrevista concedida em 13 de fevereiro de 2016), afirmando que ele não estaria respondendo de forma direta as questões lhe dirigidas. Refletindo sobre essa afirmação, percebemos que a maioria das respostas dadas as minhas perguntas, estavam ligadas a outros sujeitos, definidos por Everacy como “os home melhor” ou ainda “O melhor vaquero qui teve na região” (Entrevista concedida em 13 de fevereiro de 2016). Com isso, pude perceber que esses outros vaqueiros, a que o entrevistado sempre recorria para responder as minhas perguntas, era a imagem de vaqueiro que o entrevistado possuía. Como fica claro no seguinte trecho:

Entrevistador: E quais são as principais ferramentas de trabalho do vaqueiro?

Everacy: Um cavalo bem arriado, um ferrão, chocalho, careta, uma corda de laçar na garupa, era as ferramenta dele era essa... eincorado. Lavava uma careta e um chocalho marrado na garupa do cavalo, e a corda de laçar, e ele todo incorado (sic) (Entrevista concedida em 13 de fevereiro de 2016).

Em sua resposta, comumente ele repete a palavra “incorado”. Hoje, no trabalho cotidiano o vaqueiro não se traja de couro para lidar com o gado, pelo fato dos animais ocuparem um pasto definido pela cerca, questão abordada por Alécio Reis (2012), em sua dissertação de mestrado. Essa seria a explicação plausível para o constante retorno a sua juventude e relatos que lhe foram transmitidos oralmente, o fato da representação que busca construir ser um autêntico vaqueiro. Essa afirmação ganha força com o trecho: “qualquer um que munte em um cavalo se chama de vaqueiro [...] Mas vaquero é naquele tempo” (Entrevista concedida em 13 de fevereiro de 2016). Como o próprio entrevistado afirma,

Hoje num tem mais vaquero! Hoje tem uns tiradordileite! Qui naquele tempo o vaquerotrabiavaseis dia na fazenda incorado no mato correno no mato, pegano boi. E os di hoje é pra tanger vaca e tirar leite somente e apartar, dar ração, hoje num tem mais vaquero, tem tirador de leite (Entrevista concedida em 13 de fevereiro de 2016).

É perceptível que o senhor Everacy possui o cuidado com as temporalidades, a expressão “os di hoje” expressa um paralelo com os vaqueiros de ontem, que se trajavam de

couro, perseguia o gado na caatinga, enquanto “hoje” o labor vaqueiro não se dá nos mesmos moldes, já que além do sujeito-vaqueiro devemos também pensar seu espaço de trabalho historicamente.

O entrevistador transita por ontens e hoje, como pode ser observado no seguinte trecho de sua fala:

O pior trabaio do mundo é assumir um curral!! Cheio de vaca, pra tirar leite e o cara dar conta, só sabe quem já fez [...]. Fiz isso muito, vinte e dois ano intrei ali (*Fazenda Pé do Morro*), cancei de ta chaveno relampejano, *ontem(?)* mesmo eu tava tirano leite, tinha uma trovoada formada, unhs quato hora da manhã, quando abriu o ralampo o truvão foi mesmo qui sumir o currá, deu um relampo tão qui escureceu o curral. O dia tava meio assim, quereno o dia “limpá”, deu um relampo qui escu... deu um escuro tão grande! Qui quando vim dar conta de si, o relam... o caneco já tinha sumido, caiu da mão cheio de leite e sumiu, ai eu levantei fui no curral e sortei os bizarro tudo e intrei dento di casa (Entrevista concedida em 13 de fevereiro de 2016).

No seu relato, o entrevistador conta inicialmente características do labor vaqueiro, trazendo um relato próprio de quando ainda trabalhava na Fazenda Pé do Morro, mas no meio de sua narrativa ele traz outra informação, esta contemporânea a entrevista, já que ocorreu no dia anterior, “ontem”. Continuando sua prosa, Everacy retoma sua fala anterior, rememorando um evento passado já que ele relata “intrei dento di casa”, sendo esta a casa da fazenda onde trabalhava, já que não possui uma casa nas proximidades do curral em que ele tira o leite de suas vacas, que ficam na roça do ex-vaqueiro. Percebe-se que a narrativa do entrevistado acompanha sua memória, não sendo construída de forma linear, já que ele recorre a um passado longínquo - passado recente (ontem) – passado longínquo.

Outra característica marcante na entrevista é o fato do entrevistado não saber responder quando se tornou vaqueiro, utilizando a seguinte história para responder a questão:

Tio Otacilio contava que com 9 ano ele começou a trabalha incorado, 9 ano de idade! E já corria no mato incorado... e o pai dele já criou ele nesse ritmo, o pai era vaqueiro de uma fazenda e criou ele desde pequeno e o ritmo era esse, tinha algum que não, que trabaiavaim roça, mais a maioria trabaiava, todo mundo a profissão era essa, só manhecia o dia tinha que pegar o cavalo e ir para o campo, já levava os fios de piqueno e criava nisso (Entrevista concedida em 13 de fevereiro de 2016).

Desde a infância os meninos sentem a necessidade constante de demonstrar as características que o tornam homens sejam em suas brincadeiras ou em afazeres diários, buscando provar que já possui as habilidades necessárias para “assumir um curral”⁵. Talvez esse seja o motivo da referência ao vaqueiro Otacílio, que desde muito novo foi inserido em

⁵Expressão sertaneja para designar que o rapazote já possui habilidades em assumir os encargos de um vaqueiro, sendo responsável pelos cuidados dos animais do patrão.

um cotidiano vaqueiro, não sendo uma exceção, já que era algo comum, como apresenta Reis (2012), a partir dos dados obtidos em suas entrevistas dos vaqueiros da região de Irecê-BA. Provavelmente, Everacy consiga fazer um paralelo entre o exemplo dado e sua iniciação com o manejo dos animais. Desde novos os garotos mais valentes, aprendiam a lidar com o gado “montava em pêlo nos poldros bravos, e andava a escaramuçar pelo campo até amansá-los” (ALENCAR, 1977, p. 35). Para Reis,

Não podemos descartar ainda a importância das brincadeiras na construção dessa afinidade entre as crianças e os animais, a exemplo do “cavalo de pau” e das “disputas de argolinhas” que se davam entre garotos montados sobre varetas de madeira a imaginar ações de vaqueiro, práticas essas muito comuns entre as crianças do meio rural sertanejo (REIS, 2012, p. 104).

Os garotos com suas próprias brincadeiras, a exemplo do “cavalo de pau” e as “disputas de argolinhas” refletiriam um cotidiano no qual estão inseridos, e que em um futuro não muito longe buscam de fato exercer. Para Oliveira (2009), os currais eram o “centro de equilíbrio da estrutura social” (OLIVEIRA, 2009, p. 28), já que eram os espaços onde se desenvolviam as habilidades vaqueiras, assim como construíam uma imagem de homem sertanejo/vaqueiro, que inseriam os garotos e serviam como uma espécie de rito de passagem, como diria o autor.

No célebre "O segundo sexo: a experiência vivida" (1967), Beauvoir aponta que desde a infância iniciam-se as representações duais baseadas no sexo do menino e da menina de modo que quanto mais a criança cresce mais o universo se expande e a superioridade masculina se afirma.

Um fato que comumente é repetido pelo entrevistado, é a ferra de gado, que analisamos como representação de uma sociabilidade vaqueira.

Entrevistador: Como era que ferrava o gado?

Everacy: Ferrava, marrava nunha corda e colocava o ferro no fogo.

Entrevistador: E juntava um bocado de vaqueiro para ferrar o gado?

Everacy: Um bocado de vaqueiro para fazê esse trabalho. Naquele dia ‘hoje é a ferro na fazenda de fulano de tal’, naquele dia aquela vizinhança ia tudo para ajudar no trabalho, ia ajudar a prender o gado, fazia um multirão diante de oito, dez vaqueiro da região, ‘hoje, essa semana nois vai prender o gado de tal fazenda’, no dia que ia ferrar da ota todo mundo da região ia ajudava a prender aquele ota gado na ota fazenda...

Entrevistador: E passava o dia todo?

Everacy: Passava o dia, a semana prendeno gado! E sempre que toda hora só tinha uma rocinha pequena, um cercado, uma coisa, criava todo mundo na catinga, ai ele ia juntano e colocano no cercado, quando era no final de simana, juntava todo mundo um dia pa ferrar, depois ferrava e soltava dinovo, ai marcava ota dia pra ota fazenda, juntava tudo pra prenda pa depois ferra.

Um ajudava o outro, naquele dia era uma festa, viu, naquele dia o dono da fazenda matava um carneiro, bode, uns comprava a bebida, quando a turma chegava com o gado era pra almoçar, e contar história e beber... naquele dia era uma festa, ninguém... aquele trabalho ali, ninguém pagava não, era um ajudanoosoto, depois quando precisava ia tudo, na ota fazenda no dia qui precisasse ia tudo! se tivesse um boi brabo, dois, no mato qui... acontecia de imbrabecer e num vir no curral, ai 'im tal lugar tem um boi brabo pra nois pegar', ou dois ou três, ai naquele dia juntava uma vaqueramaarruinada! pra ir pegar aquele boi, pegava, e marrava e trazia pra fazenda, naquele dia ali num era pago, era um digitóro, pros zoto... (Entrevista concedida em 13 de fevereiro de 2016).

Para Medrado (2012), as relações estabelecidas entre os vaqueiros é denominada como “solidariedade”, podendo ser definida como “solidariedade horizontal” (relação entre os vaqueiros com outros sujeitos da mesma posição social) e “solidariedade vertical” (relação dos vaqueiros com seus patrões, uma relação de proteção e auxílio mútuo, mas também de dominação). Já Reis (2012) acredita na existência de uma rede de sociabilidade entre os vaqueiros, como forma de controle do gado solto/no comum. Para ambos os autores, essas relações sociais eram reflexo das experiências de trabalho, uma forma de testar as habilidades cavaleirescas e reforçar um círculo de amizades.

Segundo Joana Medrado, por ser um evento festivo e público, como pode ser observado na entrevista, já que era noticiado a todos “essa semana nois vai prender o gado de tal fazenda”, tornava público a posse sobre o animal e, consecutivamente, conhecido o ferro ou as marcas que consistiam a assinatura nas orelhas dos animais.

Entrevistador: E quando encontrava um animal de outro ferro que não conhecia?

Everacy: Num era dono! Tinha que procurar se aparecesse no meio do lote, sempre aparecia, um bode, uma ovelha sempre aparecia no meio dos otes, mas era assinado todo mundo assinava, desde piquinininho, quando tava piquinininho as cabras paria trazia tudo pra o curral com uns trinta dias soltava os cabritos e assinava tudo e soltava, e ai quando contava e soltava, se com tempo num achasse podia procurar no meio do soto no vizinho até que achava, se tivesse assinado se num tivesse assinado num achava mais não, e o cara num intregava nem que tivesse num intregava mais não (Entrevista concedida em 13 de fevereiro de 2016).

O entrevistado usa a expressão “num era dono”, e em outro momento da prosa “um dia o dono aparecia”. Podemos perceber que há um código de honra que permeia as relações desses sujeitos, em que mesmo não conhecendo o ferro e o dono do animal, possui a consciência que não lhe pertence, cuidando do animal que “inlotou”⁶ com o rebanho de posse ou sobre responsabilidade do vaqueiro-sertanejo.

⁶ Se juntou: Acompanhou o lote, o rebanho.

Para Medrado (2012), a honestidade e o conhecimento dos ferros e marcas dos fazendeiros utilizados para legitimar a posse sobre os animais, tornavam os vaqueiros preciosas testemunhas em casos de furto de animais em Jeremoabo, como pode ser observado na seguinte citação:

A fidelidade, a honra da palavra, a coragem, a dignidade e a confiabilidade eram alguns desses valores, e os vaqueiros foram os principais trabalhadores que mantiveram e reforçaram tais valores. Os fazendeiros, logicamente, tentaram apropriar-se desse discurso a seu favor. (MEDRADO, 2012, p. 91).

Adentrando nas veredas do saber vaqueiro, questionamos ao entrevistado como se davam as curas dos animais, para minha surpresa percebo o sujeito como um ser em trânsito, conhecedor tanto de remédios caseiros, como medicamentos veterinários. É bastante complicado tentar definir uma temporalidade para as práticas afirmadas pelo ex-vaqueiro, pelo fato que já foi dito, da memória seguir um tempo próprio, que não necessariamente é linear.

Entrevistador: E curava como os bichos?

Everacy: Botava curava com bezocreol (*Benzocreol*), sabe o que é bezocreol? Sabe, né? Pois era o que tinha era aquilo para curar, antigamente só tinha aquilo...bezocreol.

Entrevistador: Existia homens que curava através de curas e rezas o gado?

Everacy: Ixistia! Ixistia! Pedo Queroz vei ali, pai di Duninha, rezava e curava. Chegava lá e falava ‘seu Pedo, tem uma novia cum bicho inquietugá?’ ‘tá pra qui ô’, passava só o jeito rezava e curava.

[...]

Entrevistador: Então rezava sem precisar ver o bicho?

Everacy: Não! Bastava o jeito.

Entrevistador: Ele sabia e curava?

Everacy: Rezano num tinha quem olhasse, *naquele tempo as coisa era mais na experiência* (Entrevista concedida em 13 de fevereiro de 2016).

Inicialmente o sr. Everacy afirma utilizar “naquele tempo”, um desinfetante denominado “benzocreol”, utilizado na cura de bicheiras e verminoses nos ovinos, caprinos, suínos e bovinos, mas ao mesmo tempo possui uma cultura enraizada na tradição, sendo este o motivo de ir na casa de “seu Pedo”, lhe perguntar por onde anda determinado animal doente. Apensar de ter em mãos um medicamento comprovado cientificamente, e que ainda hoje é bastante utilizado na região de origem do entrevistado, se recorre a um saber popular baseado na “experiência”.

Quando questionado sobre a natureza da rezas o ex-vaqueiro responde:

Entrevistador: E como eram essas rezas?

Everacy: Eles num insinava não, sabia mas num insinava não. Mas tinha muita experiência fáci! Tinha experiência de você pegá uma foia de pindoba desse um laço, fazia um nó olhava pra bicheraassim... você tá perto, né

(realizando o gesto), agora antes de curar se curasse num ia mais não e você dava uns nó. Agora tinha unhs qui jogava pras costa, três pindoba, era, fazia um lacinho e olhava pra bichera jogava pra trás e ia imhora (Entrevista concedida em 13 de fevereiro de 2016).

Com os termos “num ia mais não” e “ia imhora”, demonstra uma confiança do entrevistado aos rituais de cura através das rezas, pode não ser comprovado pelo discurso científico, mas é elaborado por experiências e práticas que foram transmitidas oralmente e que até hoje se perpetuam no espaço sertão.

Outro saber muito comum, ao sertanejo, é a habilidade de encontrar seu rebanho, em meio a uma caatinga fechada e sem a presença de cercas, elaborada com certeza pela observação do vaqueano, sendo bastante latente no discurso do entrevistado:

Sempre final de semana de vez im quanto, pai dizia ‘hoje é dia de junta o gado soter⁷ e prender no currá juntava tudo, já sabia mais ou menos a região que cumia, se tivesse um bizerro sem ferro ferrava, e os tempo era assim, se sumisse também num tinha jeito.

As oveia o dia de nois trazer era sábado, todo sábado prendia oveia, todo sábado, da Vage espalhava nesse beço de rio até a Boa Sorte subia ai pra Pinto, Pindorama ia pra essa região ai de Nobilino essa região todinha nois já sabia, e ota era difici ir pra num trazer tudo, e ota tinha mais de quinhentas no beço do rio que a gente encontrava dos oto mas sempre comigo separava, quando bulia separava, cada qual... acontecia de vir uma ota no mei mas a gente ia e soltava e alotava com os oto.

Bode mermo só juntava di tarde bode ajuntava di tarde, oveia era no horário de meio dia, bode di tarde, bode di manhã pra meio dia num vem no curral não (Entrevista concedida em 13 de fevereiro de 2016).

Como uma forma de exaltar suas proezas, o entrevistado utiliza expressões como “tinha mais de quinhentas no beço do rio” ou ainda “era difici ir pra num trazer tudo”, apresentando mais um saber inerente ao labor vaqueiro, o conhecimento do mato e de habilidades necessárias para o manejo com os animais.

Reis (2012), ao falar sobre o cotidiano vaqueiro, o define como,

Cuidar do rebanho entre o curral e o campo, este, porém, não transmitia a segurança do primeiro, trazendo-lhe grandes obstáculos e exigindo o domínio dos saberes sobre a natureza e os animais. A busca por um animal desaparecido poderia durar dias. A estratégia de trabalho central dos vaqueiros era a construção de uma rede social de “amizades”, sociabilidades e troca de experiências que possibilitasse o acesso a notícias. A feira livre semanal era um espaço especial para obtenção dessas informações (REIS, 2012, p. 122).

⁷ Gado solteiro: Expressão utilizada na sociabilidade vaqueira como os animais “solteiros”, isto é, novilhas, garrotes e vacas que não estejam paridas. No tempo a qual o entrevistado se refere, as vacas paridas ficavam na proximidade da casa, enquanto os demais bovinos, que não estivessem acompanhados com um filhote, ficavam no comum, na caatinga sem presença de cerca.

O autor novamente afirma a necessidade de uma rede de solidariedade, que proponho discutir em minha monografia, pensando essas relações não apenas como forma de resistência ou reflexo de experiências de trabalho, mas refletindo sobre a noção de virilidade, atrelada a um código de honra que caracteriza/orienta o mundo sertanejo. Por essa ótica, a pega de gado não busca apenas demonstrar as habilidades vaqueiras, mas defender uma imagem de homem construída na paisagem-sertão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a penetração nos estudos sobre as masculinidades, foi possível percebermos como é latente na entrevista realizada com o sr. Everacy Amaro, as formas de sociabilidade, o apoio mútuo, as características que reforçam o caráter viril do homem sertanejo. O modelo do vaqueiro, como uma identidade nacional, herdeiro de todo um debate do século XIX da construção de signos brasileiros, que toma o homem interiorano, mestiço do indígena com o branco, como uma representação da nação.

O vaqueiro, e todo o processo da construção da identidade, se consolida como um símbolo, carregado de um significante viril, diante de uma sociedade que se moderniza. A análise da fala do entrevistado, nos mostra como eram tecidas os espaços cotidianos do labor vaqueano, o tornar-se um indivíduo que exerce a uma simples profissão, mas que carrega um *ethós* do que é ser brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. *O sertanejo*. São Paulo: Melhoramentos, 1977.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: A arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História*. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BADINTER, E. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: A experiência vivida – vol. 2*. São Paulo: Difusão Européia, 1967.
- BENTO, Berenice. *Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas*. Natal: EDUFRN, 2015.
- BENTO, Berenice. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017.

BOAVENTURA, Eurico Alves. *Fidalgos e Vaqueiros*. Salvador: UFBA, Centro Editorial e Didático, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina - 2ª ed.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CONNEL, R. W. (1995). Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

CONNELL, R., & MESSERSCHMIDT, J. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas, Florianópolis*, 241-282, 2013.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org). “Desafios da História Oral latino-americana: o caso do Brasil”. In: *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Fundação Getúlio Vargas, 2000.

MATOS, Maria I. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. São Paulo: Companhia. 2001.

MEDRADO, Joana. *Terra de Vaqueiros: Relações de trabalho e cultura política no sertão da Bahia, 1880-1900*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012.

OLIVEIRA, Clóvis F. R. Moraes. “Entre currais e modelos: Eurico Alves leitor de Feira de Santana, 1940-1960. In: *Légua & Meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, nº 5, 2009, p. 20-37.

REIS, Alécio Gama dos. *O que farpa o boi farpa o homem: das memórias dos vaqueiros do campo sertão de Irecê (1943 – 1985)*. Feira de Santana: Dissertação de História, UEFS, 2012.

SOARES, Angela Maria Santos. A natureza imaginativa da memória: Cecília Meireles e Adélia Prado. *Verbo de Minas, Juiz de Fora*, v. 7, n. 13, jan./jun. 2008, p.165 - p.176.